

TRAJETÓRIA E LUTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM EM MINAS GERAIS

THE TRAJECTORY AND STRUGGLE OF THE BRAZILIAN ASSOCIATION OF NURSING (ABEn) IN THE FEDERAL STATE OF MINAS GERAIS

TRAYECTORIA Y LUCHA DE LA ASOCIACIÓN BRASILEÑA DE ENFERMERÍA EN MINAS GERAIS

Valda da Penha Caldeira¹

Zídia Rocha Magalhães²

Estelina Souto do Nascimento³

RESUMO: O presente artigo busca descrever a trajetória, o trabalho e as conquistas da Associação Brasileira de Enfermagem, Seção Minas Gerais, mostrando algumas contribuições da entidade para o crescimento e desenvolvimento da Enfermagem mineira e brasileira. Os fatos e os acontecimentos relatados foram extraídos de atas de reuniões, de recortes de jornal, de informativos da Entidade, de Anais e Resumos de eventos e de depoimentos orais. Inicialmente, é lembrada a origem da Associação no território Nacional, estabelecendo-se conexões entre esta e a criação e trajetória da Seção Minas Gerais. Posteriormente, a descrição dos acontecimentos segue o fio das vinte e duas gestões, mostrando lutas, conquistas e feitos de cada diretoria que determinaram a consolidação da Seção Minas Gerais. A conclusão a que se chega é que a Associação se fez pela garra e força das pessoas: tradução do desejo de valorizar e fazer crescer os profissionais e a enfermagem como profissão.

PALAVRAS-CHAVE: organização em Enfermagem, História da ABEn, enfermeiras mineiras, história

INTRODUÇÃO

A enfermagem é constituída, em sua maioria, por mulheres que realizam um trabalho coletivo na área de saúde, aliado a um importante movimento de luta e organização profissional. Segundo *Carvalho* (1976), as discussões sobre a criação de uma associação profissional remontam a 1925. Ela relata que, em 1926, as primeiras enfermeiras formadas pela Escola de Enfermagem Anna Nery, no Rio de Janeiro, criaram a Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas. Manteve esse nome até 1928, quando passou a ser denominada de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras, sendo, então, registrada juridicamente. Em 1954 recebeu o nome de Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), conservando-o até os dias atuais.

A história da ABEn retrata as lutas e as conquistas de um grupo de mulheres que conseguiram manter viva e atuante uma associação que é conhecida e reconhecida nacional e internacionalmente como legítima representante da classe.

Enfrentando toda uma gama de dificuldades, a ABEn chegou até os nossos dias como uma Entidade sólida e firme e, segundo *Chritófaro* (1995), graças à "... dedicação, disponibilidade

¹*Enfermeira, mestre em enfermagem, pesquisadora do NUPEQS.*

²*Enfermeira, mestre em enfermagem, professora da Escola de Enfermagem da UFMG.*

³*Enfermeira, mestre e doutora em educação, professora da Escola de Enfermagem da PUC-MG, pesquisadora do NUPEQS e do CUIDARSE.*

e sabedoria de algumas enfermeiras que foram potencializadas pela colaboração, cooperação e participação de outras tantas - pessoas e instituições...” .

AABEn tem sido fator importante de evolução da enfermagem e parceira das escolas de enfermagem brasileiras no desenvolvimento do conhecimento técnico científico e cultural da profissão. Vale ressaltar algumas das suas realizações. Por muitos anos, ela definiu as questões de ensino da enfermagem, elaborando projetos de leis de ensino e levando o Congresso Nacional a aprová-los. Trabalhou , por três décadas, para aprovação de Lei que criou o Sistema Conselho Federal de Enfermagem e Conselhos Regionais de Enfermagem -COFEN/CORENS- (BRASIL, 1973). A partir da década de 1980, coincidindo com a abertura política em nosso país, a ABEn passou a ser parceira de Organizações Sociais nas lutas em defesa da saúde da população e integrar-se a outros processos sociais, lutando pela inclusão de novas concepções de saúde na Constituição de 1988, (BRASIL, 1988). Participou efetivamente dos Conselhos Nacional, Estaduais e Municipais de Saúde, dos fóruns de controle social das políticas de saúde instituídas pelo Governo. Na década de 1990, envidou esforços para implantação da política de profissionalização do atendente de enfermagem, iniciados na década de 1960, que culminou na assunção da problemática pelo Ministério da Saúde que elaborou e implantou o Projeto de Profissionalização dos Trabalhadores da Área de Enfermagem PROFAE (BRASIL, 1998). Nessa mesma década, a Associação incluiu no artigo IV de seu novo estatuto “ articular com organizações do setor de saúde e da sociedade em geral na defesa e na consolidação de políticas e programas que garantam a equidade, a universalidade e a integridade da assistência à saúde à população” (ABEn, 1998, p. 6), princípios básicos do Sistema Único de Saúde - SUS.

No final da década passada, com vistas à consolidação do SUS, a ABEn iniciou trabalho junto ao Programa de Interiorização dos Trabalhadores de Saúde — luta que continua na presente década. Tudo isso foi construído por trabalho conjunto, em lugares distintos, em diferentes instituições de saúde, como no dizer de *Christóforo* (1995) num “... cotidiano permeado de coragem e fragilidade, medos e persistências, recuos e avanços, perdas e esperanças”.

Enquanto organização nacional, a ABEn buscou e conseguiu sua expansão, criando Seções e Regionais nos estados da federação. Hoje, de acordo com seu Estatuto, ela se constitui em ABEn Nacional, com sede em Brasília, uma Seção em cada capital de Estado e Regionais em várias cidades do país, (ABEn, 1997).

AABEn Seção Minas Gerais — ABEn MG —, foi a quarta Seção a ser criada, tendo um expressivo papel no desenvolvimento da ABEn Nacional. Nasceu com o objetivo de “... congregar as enfermeiras, identificar seus maiores problemas e buscar soluções no âmbito da cidade de Belo Horizonte” (ABEn MG, 1947). Desde então, a Entidade vem desenvolvendo, em Minas Gerais, trabalhos que propiciam a penetração e o reconhecimento da enfermagem nas diversas estruturas da organização política, administrativa, jurídica da sociedade civil em geral.

AABEn MG, cuja referência para seu trabalho são os objetivos e as finalidades da ABEn Nacional, tem envidado esforços para que problemas da área da saúde e de enfermagem com características locais, regionais e estaduais sejam reconhecidos e solucionados. Nos documentos oficiais da Entidade, é possível identificar muitos dos feitos e a contribuição das enfermeiras de Minas para o crescimento da enfermagem como profissão; entretanto, essas informações não estão organizadas e sistematizadas, deixando muitas interrogações sem respostas imediatas. Entre muitas dúvidas, algumas questões passaram a merecer a atenção das autoras deste trabalho. Como nasceu e evoluiu a ABEn MG? Como tem funcionado? Qual a contribuição da ABEn MG para o desenvolvimento da Enfermagem?

Desse modo, pretende-se, aqui, descrever a origem, o desenvolvimento e alguma contribuição da ABEn MG para a Enfermagem mineira e brasileira.

Entende-se que o momento é propício para, na comemoração dos 75 anos da ABEn Nacional, buscar alguma luz que ilumine as questões propostas, uma vez que, com certeza, a

ABEn MG serviu, juntamente com as demais Seções e Regionais, de ancoradouro ou mesmo de alavanca para as realizações da ABEn Nacional. Um forte indício dessa contribuição vem da participação de Presidentes da Seção que posteriormente assumiram cargo em gestões da Diretoria da ABEn Nacional.

QUADRO 1 - EX-PRESIDENTES E RESPECTIVOS CARGOS E PERÍODOS NA ABEn NACIONAL

NOME	CARGO	PERÍODO
WALESKA PAIXÃO	Presidente	1950/52
MARINA ANDRADE RESENDE	Presidente	1958/62
MARIA VALDEREZ BORGES	Conselho Fiscal	1960/62
IRMÃ MARIA TEREZA NOTARNICOLA	Tesoureira e Secret. Executiva	Vários
CLÉLIA LUIZA GONÇALVES PINTO	Primeira Tesoureira	1966/68
DULCE DE CASTRO MENDES	Segunda Secretária	1976/80
MARIA LÍDIA DE QUEIROZ ROCHA	Segunda Tesoureira	1980/84
MARIA JOSÉ C. GRILLO CALDEIRA BRANT	Segunda Tesoureira	1989/92.

Em pesquisa, ainda em andamento, um grupo de professores está criando um acervo sobre a história da ABEn MG, utilizando a história oral. Além disso, no Acervo Oral da Escola de Enfermagem Carlos Chagas/Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde - AOEC-NUPEQS -, (*Nascimento*, 1999) muitas das entrevistadas fazem referências à própria participação em atividades da ABEn MG, quando emergem fragmentos da história da Entidade. Desse modo, as informações que compõem esse documento foram extraídas de depoimentos orais, de atas de reuniões, de recortes de jornal, de informativos da ABEn Nacional e MG, de Anais e de Resumos de eventos.

ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DA ENTIDADE

Nos meses de janeiro e fevereiro de 1947, nas dependências do internado da Escola de Enfermagem, ocorreram as sessões de eleição e posse da primeira Diretoria da ABEn MG, com a presença de 13 enfermeiras, sob a liderança de Waleska Paixão, então diretora da segunda escola de enfermagem nightingaleana do Brasil, a Escola de Enfermagem Carlos Chagas — EECC —, hoje Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais - EEUFMG. Desse modo, Waleska Paixão tornou-se a primeira presidente da Entidade. Ao longo dos anos, a ABEn MG esteve ligada às escolas de Enfermagem de Minas Gerais, tendo Diretoras e Professoras dessas escolas na direção da Entidade. Das 22 gestões da ABEn-MG, 13 tiveram, como dirigente, enfermeiras ligadas ao ensino. (*Magalhães et al.*, 1995).

Na prática, a interligação escolas de enfermagem e Associação rendeu frutos diversos como, por exemplo, a realização de eventos nacionais, regionais e estaduais, cujas comissões organizadoras eram constituídas, predominantemente, por docentes e alunos. Pode-se computar, também, como fruto dessa relação, as discussões e decisões que visam à melhoria do ensino de enfermagem, a elaboração de projetos de leis de ensino do exercício profissional e os códigos de ética.

A leitura das atas das primeiras reuniões da ABEn MG já nos revela a preocupação com o desenvolvimento científico da profissão, quando a primeira ação foi a organização de uma biblioteca e aquisição de livros. Discutiam-se, ainda, problemas relacionados à prática profissional; as experiências vivenciadas durante o trabalho educativo desenvolvido por enfermeiras e alunas da EECC, por ocasião das enchentes da Zona da Mata, o conhecimento e demonstração de novas técnicas trazidas por enfermeiras que estudavam fora de Minas.

Além da descrição de trabalhos realizados, as atas trazem relatos de fatos sociais que

redundavam em reuniões como: aniversário da EECC, reconhecimento da Escola de Enfermagem Hugo Werneck, que funcionava na Santa Casa de Misericórdia e hoje é a Escola de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - EEPUC-MG; falecimento de colegas; e outros.

Inicialmente a ABEn-MG não tinha espaço físico determinado. As reuniões aconteciam em espaços cedidos pelas Instituições de Serviços de Saúde ou de Ensino, que, em geral, era o local de trabalho das presidentes. "Quando cheguei na ABEn de Belo Horizonte, eu encontrei tudo espalhado. Então consegui uma sala dentro do Hospital das Clínicas, porque para mim era mais fácil chefiar o hospital e tomar conta da ABEn" (*Notarnicola*, 1996: fita 1 - lado A). Dessa forma, a EECC, a Secretaria de Saúde e Assistência, a Santa Casa de Misericórdia, o Hospital São Vicente de Paula — atual Hospital das Clínicas da UFMG —, entre outros foram sedes temporárias da ABEn MG. Somente em 1964, a Presidente Clélia Luisa Gonçalves Pinto inaugurou a primeira sede, constituída por um apartamento no centro da Capital, tendo comparecido nesse evento o Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, Dr. José de Magalhães Pinto. O fato de ter um espaço físico determinado contribuiu para consolidar a ABEn, como afirma *Notarnicola*, (1996).

A segunda sede da ABEn MG, adquirida em 1984, na gestão de Maria José da Silva, constituída por um conjunto de quatro salas, no centro de Belo Horizonte, veio proporcionar às sócias, condições de participar de atividades e promoções da Entidade, de forma mais confortável. (*Ennes*, 1998) Funcionou nesse local até 1999, ocasião em que foi adquirida a sede atual, composta de salas, auditório para 50 pessoas, cozinha e terraço, também no centro da cidade. Essa ampliação do espaço físico tem possibilitado a realização de pequenos eventos nas dependências da Associação, contribuindo para maior autonomia em algumas ações e redução de despesas.

Ao longo de seus 54 anos, concomitante com a busca constante de local apropriado para sediar a entidade, as enfermeiras com as diretorias desenvolveram inúmeros trabalhos. Pela leitura de planos de trabalho, relatórios de diretorias e consulta a depoimentos orais, é possível dizer que cada gestão imprimiu sua marca no trabalho da Associação. Mesmo com esta personalização, pode-se dizer que essas mulheres foram movidas, nas diferentes épocas e em contextos diversos, pelo desejo de fazer crescer a enfermagem mineira e brasileira.

CONTRIBUIÇÃO DA ENTIDADE PARA A ENFERMAGEM

Certamente, a organização e desenvolvimento da Enfermagem mineira assim como outras entidades foram pontuadas por conflitos e lutas que culminaram em conquistas alcançadas por meio de trabalho voluntário das associadas e das diversas diretorias.

A primeira gestão (1947-1949), que teve como dirigente Waleska Paixão, dedicou-se a congregar as enfermeiras, identificar seus maiores problemas e buscar soluções para eles. É possível destacar, nesse período, a criação de curso para a formação de enfermeira chefe.

A segunda gestão (1949-1950), presidida por Noemi Geny dos Santos, acompanhou a luta pela melhoria do ensino de enfermagem. Luta essa empreendida pela ABEn Nacional e apoiada pelas Seções, e cujo resultado ocorreu com a promulgação da Lei 775/49 que dispõe sobre o ensino de enfermeiras e de auxiliares de enfermagem no Brasil. (BRASIL, 1949)

A terceira gestão (1950-1952) foi presidida por Ir. Helena Maria Villac, que se empenhou na luta pela desanexação da EECC da Faculdade de Medicina e de sua integração à UFMG. Nessa gestão, foi criada a primeira regional da ABEn no país, denominada "ABEn-MG - Distrito Juiz de Fora". A posse da diretoria desse distrito se deu sob a liderança de Celina Viegas, então Diretora da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo e a primeira Presidente do Distrito recém criado.

A quarta gestão (1952-1954), presidida por Marina Andrade Resende, revitalizou a ABEn-

MG, promovendo variada programação técnico, científica e cultural e proporcionando às enfermeiras mineiras vários cursos sobre vacinação, saúde coletiva, psicologia, organização de serviços de enfermagem e chefia e liderança, o que resultou na conquista de novos sócios para a entidade. Segundo *Lanza* (1998), os temas da programação emergiam das discussões realizadas nos encontros mensais na Entidade e que eram convocadas pela presidente. Para ela, a presidente dessa gestão perseguiu a elevação do nível da qualidade da enfermagem com afinco. Nesse período, foi obtido sucesso na empreitada de trazer o Congresso Brasileiro de Enfermagem – CBEEn - para Belo Horizonte. Vale ressaltar que Marina iniciou em 1956 sua militância na ABEn Nacional, como segunda secretária, assumindo a seguir, por duas gestões, a presidência da Entidade. Atendo-se somente ao número de vezes em que Marina foi citada no Documentário dos 50 anos da ABEn (*Carvalho*, 1976), ela seria a quarta enfermeira mais importante da ABEn, sendo antecedida apenas por Haidée Guanaes Dourado, Maria Rosa Sousa Pinheiro e Edith de Magalhães Fraenkel; esta, primeira Presidente da ABEn Nacional. Há de se considerar o pequeno tempo de sua atuação, uma vez que iniciou na ABEn Nacional em 1956, tendo falecido prematuramente em 1965. Assim se referiu *Notarnicola* (1986: fita 1 – lado A) à Marina: “Ela se dedicou de corpo e alma à enfermagem. Ela deu vida à Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn), que estava morrendo.”

É importante destacar outros feitos de Marina que contribuíram para o desenvolvimento da enfermagem brasileira. Ela criou, em 1963, o concurso anual “Semana da Enfermagem” para incentivar a participação de estudantes na Entidade, escrevendo sobre temas de importância para a profissão. Em 1966, o concurso passou a ter seu nome. Além de ser editora chefe da REBEn, de 1957 até sua morte, ela criou, em 1958, o Boletim Informativo da ABEn Nacional. Participou da luta pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, pela criação do Conselho Federal de Enfermagem e pelo reconhecimento do enfermeiro como profissional de nível superior. Juntamente com Waleska Paixão, participou da elaboração do Código de Ética da Enfermagem. Tinha projeto de coletar dados que deveriam explicar a história da ABEn, mas faleceu antes de ver esse sonho se concretizar. Publicou diversos trabalhos sobre o ensino em enfermagem e vida associativa. Foi a organizadora do livro “Enfermagem: Leis, Decretos e Portarias”, publicado em 1958, pela Fundação SESP. (*Carvalho*, 1976)

Reconhecendo os relevantes serviços prestados à enfermagem do Brasil e por sua notável participação na ABEn no território Nacional, aquela Entidade a homenageou por ocasião do XVI CBEEn, em 1964.

Na quinta gestão (1954-1957), foi realizado o VIII CBEEn, pela primeira vez, em Belo Horizonte, que teve como Tema Oficial “O papel da enfermagem no programa de assistência médico-hospitalar”. Nesse período, Ophélia Drumond de Andrade se afasta do cargo, sendo substituída por Nahir Rodrigues da Cunha. A demissão, às vésperas do evento, acarretou grandes dificuldades, levando as organizadoras do Congresso a recorrerem à Marina Andrade de Resende, que atendeu ao pedido, contribuindo para a realização do evento. Neste Congresso, já havia a preocupação de angariar fundos para a aquisição de sede própria.

Ainda nessa gestão, deu-se continuidade à luta pelo reconhecimento dos enfermeiros como profissionais de nível universitário no quadro de pessoal da saúde do Estado e pela desanexação da EECC da Faculdade de Medicina, o que só ocorreu em 1968. Por reivindicação da ABEn, foram abertas vagas para enfermeiras na Rede Ferroviária Federal, preenchidas mediante concurso público.

A sexta (1957-1958) e a sétima gestão (1958-1960) tiveram como presidente a Ir. Maria Cecília Bhering, que defendia veementemente o caráter religioso da enfermagem que, para ela, tinha conotação de sacerdócio. Ela criou o primeiro curso de pós-graduação em Enfermagem Obstétrica da EECC, em 1957. Desenvolveu estudos junto a ABEn Nacional, sobre o projeto de lei que buscava novamente modificar a lei do ensino de enfermagem, dando continuidade a esses trabalhos na gestão seguinte.

A oitava gestão (1960-1962), de Maria Valdevez Borges, marcada pela continuidade das lutas iniciadas pela ABEn, ganha destaque pela sua penetração social e política junto às Secretarias de Estado de Saúde e Serviço Especial de Saúde Pública. Ainda nesta gestão, Belo Horizonte sediou o XIII CBEn, o segundo realizado pela ABEn MG, cujo tema central foi "Sindicalismo", que funcionou como elemento propulsor da conquista do reconhecimento do nível universitário para o curso de enfermagem. Por recomendação deste Congresso, Marina de Andrade Resende, Presidente da ABEn Nacional, encaminhou ao Ministério do Trabalho alterações no quadro de atividades e profissões da Consolidação das Leis Trabalhistas, de modo a colocar as enfermeiras na Confederação Nacional das Profissões Liberais. Esse Congresso homenageou, em seu encerramento, Haydée Guanais Dourado, pela conquista da inclusão das enfermeiras no quadro de Reclassificação de Cargos e Funções da União.

A nona gestão (1962-1964), de Ir. Maria Teresa Notarnicola, continuou dando ênfase às campanhas de divulgação da enfermagem como profissão, junto às escolas de curso secundário, imprensa escrita e falada, objetivando angariar candidatas ao curso de Enfermagem. Essas campanhas eram executadas por alunas das duas escolas de enfermagem de Belo Horizonte, especialmente/principalmente durante a Semana Brasileira de Enfermagem – SBEn. Criou a Comissão de Assistência à Maternidade e à Infância já existente na ABEn Nacional, aproveitando as enfermeiras egressas do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica. Trabalhou-se intensamente também em cursos de treinamento para atendentes. Tinha-se como meta a compra de sede própria. Sobre a relevância do trabalho nesta gestão *Rabelo* (1998, fita 2, lado A) diz ter a Entidade atingido o auge. "AABEn era o centro de referência para qualquer situação de enfermagem do Estado". Diz ainda que ela era solicitada para reestruturar os serviços de enfermagem, participar de concursos públicos, seleção de pessoal, elaboração de provas para exame supletivo para Auxiliar de Enfermagem.

Dotada de forte personalidade, Ir. Maria Teresa Notarnicola muito fez pela enfermagem, representando um importante elo de ligação entre a enfermagem mineira e a enfermagem brasileira. "Com a vinda da Irmã Teresa, a ABEn MG ganhou status muito grande na ABEn Nacional. Ela ficou sendo aquela Sessão mais importante." (*Rabelo*, 1998: fita 1, lado A) Esta gestão foi marcada ainda pela continuidade da luta pela reformulação da classificação das enfermeiras no quadro do funcionalismo estadual, buscando-se inclui-las junto aos demais profissionais de nível universitário.

Na décima gestão (1964-1966), liderada por Clélia Luisa Gonçalves Pinto, intensificou-se o movimento com as lutas da enfermagem mineira por melhores condições de trabalho, por seu reconhecimento social e por uma melhor qualificação profissional. Na área de educação, a ABEn lutou intensamente pela presença da enfermeira como membro efetivo no Conselho Estadual de Educação e reivindicou exames supletivos para o setor saúde. Articulou-se com órgãos públicos para garantir recursos humanos, material didático e local para realizar vários cursos, tanto para o pessoal de enfermagem quanto para a comunidade em geral. O saldo financeiro positivo decorrente do Congresso de 1960 e da implementação destes cursos possibilitou a aquisição e montagem da primeira sede da ABEn MG, dando um cunho mais formal à Entidade, com a implantação de normas de funcionamento de uma Associação. Para manter a sede aberta, as sócias faziam plantões para atender as pessoas, além de todo o serviço de secretaria e de manutenção da sede, uma vez que não havia funcionários. (*Lanza*: 1998, fita 1, lado B. *Ennes*, 1998, fita 2, lado A)

Clélia, preocupada com a divulgação da enfermagem e com a união da categoria, realizava reuniões mensais com apresentação de trabalhos científicos em diversas instituições de saúde. Esta estratégia visava atingir, também, os dirigentes desses serviços, mostrando o papel profissional da enfermeira, suas conquistas e avanços na área do conhecimento.

A 11ª gestão (1966-1968) continuou sob a direção de Clélia Luisa Gonçalves Pinto. Nesta gestão foram realizadas várias solenidades para comemorar os quarenta anos da ABEn. A

Associação homenageou 16 enfermeiras que completaram curso de pós-graduação na Universidade de São Paulo e as formandas da EECC. Foi dada continuidade à luta para a manutenção da Lei 3422 de 8/10/65, que concedia aposentadoria aos 25 anos para enfermeiras. Na 12ª gestão (1968-1970), de Enny Ennes, houve um intenso movimento na categoria para angariar recursos financeiros e cumprir com os compromissos junto a ABEn Nacional no processo de construção da sede em Brasília, que contou com a participação de todas as seções e que Minas, nesta gestão, prestou substancial contribuição. Em função do contexto sócio político da época, quando o país vivia sob o regime da ditadura militar, não foi possível dar continuidade às reivindicações classistas, mantendo-se somente a tradição de divulgação da profissão nas escolas, por ocasião da SBEn.

A 13ª gestão (1970-1972) teve por presidente Izaltina Goulart de Azevedo, que liderou a organização e realização do 24º CBEn, o terceiro sediado em Belo Horizonte. Os temas desse Congresso foram: 1. “Formação dos profissionais de enfermagem nos três níveis”; 2. “Exercício profissional”; 3. “O enfermeiro e a comunidade”; e 4. “Recentes pesquisas em enfermagem”. Esse congresso recomendou que fosse feita campanha de divulgação sobre o técnico de enfermagem e incentivou a realização de trabalhos para definição de funções desse novo profissional.

Na 14ª gestão (1972-1976), tendo como presidente Águida Stemler de Oliveira, foi feito um amplo levantamento da situação geral da enfermagem em Minas Gerais, objetivando um melhor planejamento e descentralização administrativa, com criação de distritos nos locais com mais de vinte enfermeiras. Foi identificada a precária situação dos atendentes de enfermagem, sendo dessa época as primeiras iniciativas em busca de formas alternativas para qualificá-los.

A 15ª gestão (1976-1980), novamente liderada por Enny Ennes, foi marcada pela realização de jornadas e seminários, além das comemorações da SBEn, na busca constante de novos sócios. Preocupada com as dificuldades enfrentadas pelas recém-formadas ao entrarem no mercado de trabalho, Enny projetou criar centros de estudos, para que as novas enfermeiras pudessem encontrar um suporte que lhes facilitasse o enfrentamento da prática profissional, desenvolvendo pesquisas ou participando de estudos. Essa idéia deu origem à criação dos Grupos de Interesse nas diversas áreas de atuação das enfermeiras.

Na 16ª gestão (1980-1984), presidida por Maria José da Silva, foi comprada e mobiliada a segunda sede da Entidade. A Regional de Juiz de Fora, fundada na década de 1950, foi reativada. Também nessa gestão foi criada a Regional de Uberlândia.

Outro grande feito desta gestão foi a realização do 36º CBEn, quando foi inaugurado o Centro de Convenções Minas Centro, em Belo Horizonte. Além dos aspectos científicos, técnicos e culturais, da maior importância, orientada pelo tema central, “Saúde e Trabalho: desafio para a enfermagem”, o Congresso foi palco de caloroso embate político entre as facções que se formaram na enfermagem brasileira na década de 1980. Uma nova Diretoria da ABEn Nacional tomou posse naquele Congresso, após um processo eleitoral bastante movimentado pela existência de duas chapas que lutaram política e ideologicamente pela vitória nas urnas. Sobre esse Congresso poucos registros foram encontrados. Várias das entrevistadas se recusaram a falar ou diziam não se lembrar daqueles fatos. *Lanza* (1998, fita 1, lado B) se arriscou a dizer:

“... a gente não podia dar palpite; quem estava assistindo morria de medo de abrir a boca. (...) O pessoal ficou assim, amarrado e inseguro. Já pensou o que ia acontecer num congresso que precisou chamar a polícia?” Ir. Notarnicola, que militou na ABEn mais de 30 anos, apesar de dizer tentar se esquecer dos acontecimentos do evento, coloca a sua percepção sobre aqueles fatos. Ela diz:

“... no Congresso de Belo Horizonte, eu era tesoureira da ABEn Nacional e fazia parte da

Comissão da Organização do Congresso. Foi a partir desse congresso que a ABEn começou a degingolar, no meu ponto de vista. Porque eu não comungava, e nem toda a equipe que trabalhava com a gente não comungava com essas idéias. Então foi uma campanha acirrada. No de Brasília [em 1980] já foi um pouquinho assim, (...) Então começou um negócio, a criar uma cisão dentro da ABEn a partir daí. (...) ... eu sei que foi a partir daí, aí eu desgastei muito. Tanto que só fiquei mais um ano e depois... (...) ... a partir daí, então eu (...) fui deixando de lado. (...) A posse em Belo Horizonte foi tumultuadíssima, porque a gente reza muito e porque a gente tem Deus no coração. O negócio foi um pouquinho mais além. Porque ali ia sair morte. Ia mesmo. Porque o pessoal estava tão acirrado, um grupo de Santa Catarina estava tão fervilhante que era... Então foi aquele negócio. A chapa da Participação, a chapa [dos sem participação], nem me lembro mais. Eu procurei apagar um pouquinho as coisas da minha memória, sabem? Porque quando não agradam as coisas, a gente acaba apagando." (Notarnicola, 1996, fita 1, lado B)

Esse foi um pequeno resgate dos acontecimentos daquela época. Havia duas posições, não sendo possível falar das duas facções por falta de registro. O embate ocorrido nesse período é um campo fértil para pesquisa. Fica o convite.

A 17ª gestão (1984-1986), presidida por Dulce de Castro Mendes, foi marcada por realizações a partir de um programa elaborado com a participação de grande parcela dos associados. Foram feitas articulações de trabalho conjunto com a União Nacional dos Auxiliares e Técnicos de Enfermagem e o Sindicato dos Trabalhadores em Hospitais; foram criadas as Regionais de Ipatinga, Montes Claros, Itajubá e Uberaba; foram reativados Grupos de Interesse e criados novos, como o de Centro Cirúrgico. A VIII Jornada Mineira de Enfermagem (JORMIENF) foi realizada nesta gestão, numa promoção conjunta da ABEn-MG, COREN-MG e da EEPUC/MG.

A 18ª gestão (1986-1989), liderada por Maria José Cabral Grillo Caldeira Brant, foi norteadada por plano de trabalho do qual constavam as metas: estabelecer nova personalidade para a entidade a partir da análise da realidade nacional e estadual, integrada à proposta para o setor saúde; ampliar o trabalho da entidade para além da categoria das enfermeiras (*Magalhães et al.*, 1995).

Essa gestão foi marcada por intensa mobilização da enfermagem mineira na realização, organização e operacionalização de diversos eventos científicos, culturais em consórcio com entidades e instituições ligadas à enfermagem e ao setor saúde. Entre estes, destacam-se: o primeiro e o segundo Seminário Estadual dos Trabalhadores de Enfermagem — ocasião em que se discutiu a Reforma Sanitária —, a Força de Trabalho em Enfermagem e a Lei do Exercício Profissional; V Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem; Congresso Estadual de Administração em Enfermagem; e o VI Encontro Nacional de Enfermeiras de Hospitais de Ensino.

Nessa gestão, foi criada a Comissão Estadual de Qualificação de Trabalhadores de Enfermagem a Nível Médio, que trabalhou mais intensamente as questões da profissionalização dos atendentes de enfermagem. Destaca-se também a participação da ABEn-MG na constituição do Conselho Estadual de Saúde de Minas Gerais.

Na 19ª gestão (1989-1992), Maria Lídia de Queiroz Rocha se empenhou pelo aumento do número de sócios. Entre os feitos desta gestão, destaca-se a criação dos Núcleos da ABEn-MG em Barbacena e em Três Corações; a reativação e interiorização JORMIENF, realizando em 1992 a 11ª na Regional de Ipatinga sob o tema "Não sois máquina"; realizou, em Belo Horizonte, o V Encontro de Enfermagem da Região Sudeste, sob o tema central: "Enfermagem e a Transformação Social".

Por necessidade de informações atualizadas sobre a situação do atendente de

enfermagem para subsidiar os trabalhos da Comissão criada na gestão anterior, foi iniciada a pesquisa “Força de Trabalho em Enfermagem de Nível Elementar no Município de Belo Horizonte”, em 1992, sob a coordenação da enfermeira, Daclé Vilma Carvalho, professora da EEUFMG, concluída em 1995. Registra-se, ainda, a participação da entidade nos Conselhos Estadual e Municipal de Saúde, e nas Conferências Estadual e Municipais de Saúde.

A vigésima gestão (1992-1995), presidida por Zídia Rocha Magalhães, primou por dar continuidade aos trabalhos iniciados e implementar outros.

Ela promoveu a ampliação dos Grupos de Interesses, quando foi possível oferecer-lhes infra-estrutura para organização de eventos de maior porte, em articulação com outras entidades. Realizou a 12ª, 13ª e 14ª JORMIENF, em Barbacena, Belo Horizonte e Betim, respectivamente, homenageando as Enfermeiras Mineiras de Destaque Maria Helena Cambraia, Roseni Rosângela de Sena e Maria Auxiliadora Córdova Christófaru. Promoveu a edição e publicação dos Anais da 13ª JORMIENF, cujo tema foi “O trabalho em Enfermagem: sofrimento ou prazer?” Além disso, a diretoria desta gestão conseguiu reformar a área física da ABEn-MG e colocar a sede em funcionamento dez horas por dia.

Na luta pela profissionalização do Atendente de Enfermagem, a Comissão Estadual de Qualificação dos Trabalhadores de Enfermagem elaborou documento que, encaminhado para o Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, obteve, mais tarde, autorização, possibilitando, assim, que os atendentes sem o primeiro grau completo e identificados pela pesquisa sobre a Força de Trabalho pudessem ingressar em cursos de qualificação profissional auxiliar de enfermagem.

Ainda, nesta gestão, foi realizada por ocasião das Comemorações da 56ª SBEn, sob o tema “Mulher: o ser e o fazer na saúde”, homenagem às Ex-Presidentes da ABEn-MG e às enfermeiras que, por terem participado de várias diretorias, prestaram um grande trabalho à Entidade e à enfermagem mineira. Para esta atividade, foi possível trazer a Belo Horizonte a Ir. Notarnicola, a Ir. Cecília Bhering vindas de São Paulo, além de muitas enfermeira que há muito tempo não freqüentavam a ABEn-MG e familiares de enfermeiras já falecidas. Para subsidiar esta atividade, foi elaborado o documento “Fragmentos da História das Ex-Presidentes da ABEn-MG: 1947-1992” (*Magalhães et al.*, 1995), que serviu de base para realizar as comemorações do 50 anos da ABEn-MG, por ocasião do 49º CBEn.

Finalmente, cabe lembrar que, nesta gestão, as representantes da ABEn-MG no Conselho Estadual de Saúde ocuparam a mesa Diretora deste órgão, tendo a enfermeira Leonor Gonçalves assumido a Vice-Presidência do Conselho, desenvolvendo, particularmente, trabalho de defesa de implantação do SUS e a cobrança de um Programa de Saúde que atendesse aos reais problemas de saúde da população mineira, sempre em articulação com outras entidades de classe dos trabalhadores da área de saúde.

A 21ª gestão (1995-1998), dirigida por Laura Borja Perez, continuou a realizar eventos junto aos Grupos de Interesse em Enfermagem como: o 2º Encontro Mineiro de Educação Continuada em Enfermagem, o 2º Encontro Mineiro de Ostomizado, o 14º Congresso Brasileiro de Psiquiatria. Primou pela comemoração dos 50 anos da ABEn-MG, realizando, café da manhã das aposentadas. Empenhou-se na organização e realização do 49º CBEn, o 5º em Belo Horizonte, sob o tema central: “ENFERMAGEM NOS CAMINHOS DA LIBERDADE”; quando houve mais um momento de comemoração do CINQUENTENÁRIO DA ABEn-MG.

A 22ª gestão (1998-2001), de Zulmira Eliza Vono Raimundo, iniciou seus trabalhos com o oferecimento de cursos de atualização para a comunidade de enfermagem, especialmente para o pessoal de nível médio, sem a preocupação de eles serem sócios, numa perspectiva de difundir os trabalhos da ABEn. Com o saldo positivo do 49º CBEn de 1997 e com a venda dos imóveis adquiridos até então, a gestão atual comprou a nova sede da Associação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que todo este trabalho pôde ser desenvolvido, considerando a garra, a força e o amor que todas essas pessoas e muitas outras dedicaram à profissão num desejo de valorizar, enaltecer, fazer crescer a enfermagem e todos que a desenvolvem com sabedoria e competência.

Por ocasião da homenagem às Ex-Presidentes da ABEn-MG, foi possível identificar que 261 pessoas fizeram parte das várias gestões das Diretorias, ao longo de 45 anos de existência. Destas, mais de vinte enfermeiras participaram até sete vezes de gestões. Não é possível medir e nem contar os trabalhos de bastidores que mantiveram e mantêm a ABEn-MG funcionando e com ela o ideário da enfermagem como profissão.

ABSTRACT: The present article describes the trajectory, the work and the achievements of the Brazilian Association of Nursing (ABEn) in Minas Gerais. It describes some contributions of the association for the growth and development of the nursing profession in Minas Gerais and in the whole country. The facts and events reported in this investigation were taken from meeting minutes, newspaper articles, journals of the association, records and summaries of events, and oral interviews. The study initially outlines the origin of the association in Brazil, establishing connections with the foundation and development of ABEn Minas Gerais. It also describes the most important events, struggles and achievements promoted by the twenty-two administrations of the association, which consolidated ABEn-Minas Gerais. The conclusion of the study is that the solidification of this branch was achieved due to the effort and involvement of people who really valued and wanted to develop the nursing profession.

KEYWORDS: nursing organization, history of ABEn, nurses from Minas Gerais

RESUMEN: El presente artículo busca describir la trayectoria y las conquistas de la Asociación Brasileña de Enfermeros, sección Minas Gerais, presentando algunas contribuciones de la entidad para el crecimiento y desarrollo de la Enfermería en Minas Gerais y en Brasil. Los hechos y acontecimientos relatados se extrajeron de las actas de reuniones, de recortes de periódicos, de informativos de la entidad, de Anales y Resúmenes de eventos y de testimonios orales. Inicialmente, se recuerda el origen de la Asociación en el territorio nacional, estableciéndose conexiones entre ésta y la creación y trayectoria de la Sección de Minas Gerais. Luego, la descripción de los hechos sigue el hilo de las 22 gestiones, para mostrar luchas, logros y hechos de cada directiva que determinaron la consolidación de la Sección de Minas Gerais. La conclusión es de que la Asociación se hizo gracias al tesón y voluntad de las personas: traducción del deseo de valorar y hacer crecer a los profesionales y la enfermería como profesión.

PALABRAS CLAVE: organización en enfermería, historia de ABEn, enfermeros (as) de Minas Gerais

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA E ENFERMAGEM SEÇÃO MINAS GERAIS – ABEn-MG. *Ata da Assembléia de Criação da Seção Minas Gerais*, 5 janeiro de 1947.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA E ENFERMAGEM – ABEn. *Estatuto da Associação brasileira de Enfermagem*. Brasília: ABEn, 1998. p. 6.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Gestão de Investimentos. *Mercado de trabalho em enfermagem no Brasil: PROFABE – Programa de formação de trabalhadores na área da enfermagem*. Brasília:Ministério da Saúde, 1998.

BRASIL, Lei nº 5905 de 12 de junho de 1973. Dispõe sobre a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem e dá outras providências. *Legislação e Normas*, Belo Horizonte: COREN-MG, 1999.

CARVALHO, Anayde Corrêa de. *Associação Brasileira de Enfermagem*. Documentário. 1926-1976. Documentário. Brasília: ABEn, 1976. 514 p.

CHRISTÓFARO, Maria Auxiliadora Córdova. ABEn 70 anos - muitas lutas, muitas conquistas, uma causa: a vida. Brasília: ABEn - Nacional, 1995. Contracapa da Agenda da ABEn 1996.

ENNES, Enny. *Entrevista Ennes*. Belo Horizonte: NUPEQS/ABEn- MG, 1998. Mimeogr.

LANZA, Elza. *Entrevista Lanza*. Belo Horizonte: NUPEQS/ABEn- MG, 1998. Mimeogr.

MAGALHÃES, Zídia Rocha; CALDEIRA, Valda da Penha; MOREIRA, Lúcia de Fátima M.; SAMPAIO, Maria Aparecida. *Fragments da história das ex-presidentes da ABEn-MG*. 1947-1992. Belo Horizonte; 1995. 24 p. Mimeogr.

NASCIMENTO, Estelina Souto ; SANTOS, Geralda Fortina dos; CALDEIRA, Valda da Penha. *Criação, cotidiano e trajetória da Escola de Enfermagem da UFMG: um mergulho no passado*. Belo Horizonte: Escola de Enfermagem da UFMG, 1999. 220 p.

NOTARNICOLA, Teresa. *Entrevista Notarnicola*. São Paulo: NUPEQS/EEUFMG, 1996. Mimeogr.

RABELO, Carmelita Pinto. *Entrevista Rabelo*. Belo Horizonte: NUPEQS/ABEn- MG, 1998. Mimeogr.